

DISCUSSÃO SOBRE O “POR NATUREZA” (ΦΥΣΕΙ) E O “POR CONVENÇÃO” (ΣΥΝΘΕΜΕΝΟΙ) NO CRÁTILLO DE PLATÃO
DISCUSSION ABOUT “BY NATURE” (ΦΥΣΕΙ) AND “BY CONVENTION” (ΣΥΝΘΕΜΕΝΟΙ) IN PLATO’S CRATYLUS

Erick France M. de Souza (UFPB)

Abstract: This work searches to clarify some greek terms that could facilitate a more precise reading of Plato’s Cratylus. As the matter, in Plato’s Cratylus, is about whether in the process of criating nouns (substantives and adjectives, in currency) it could occur either “by nature” or “by convention”, it’s attempted showing, in this work, that, in truth, there might not be conclusion, but hypotheses, some of which we will assume for the sake of argument, in the end of the work.

Key-words: Creation of words either “by nature” or by “by convention”, vocabular accommodation, phonetic restriction (phonetic delimitation).

Resumo: Este trabalho procura esclarecer alguns termos gregos que viabilizariam uma leitura mais precisa do Crátilo de Platão. Tratando-se, no Crátilo de Platão, sobre se no processo de criação dos nomes (substantivos e adjetivos, correntemente) ela ocorreria “por natureza” ou “por convenção”, tenta-se mostrar, neste trabalho, que, na verdade, não haja conclusão, mas hipóteses, algumas das quais argumentaremos, no fim do trabalho.

Palavras-chave: Criação de palavras “por natureza” ou “por convenção”, comodidade vocabular, restrição fonética (delimitação fonética).

O primeiro problema que se nos parece impor, ao se examinar o Crátilo de Platão, é o vocabulário ou, mais especificamente, alguns termos e expressões os quais – pensamos – podem comprometer radicalmente a idéia a que nos conduz o texto. Aliás, comprometer não somente a idéia que gera todo o diálogo (a de que os nomes sejam produzidos “por natureza” ou “por convenção”), mas outras as quais, em seguida, neste trabalho, são discutidas, podendo ajudar a se entender a primeira.

Sendo assim, parece sensato fazer-se um levantamento dos termos e expressões.

No início do diálogo, em 383a, o termo ὀρθότης é essencial para a compreensão da fala de Hermógenes e mesmo mais adiante, no texto. Ὀρθότης é um substantivo associado ao adjetivo grego ὀρθός “ereto”, “reto”, “correto”, “aprumado”, “direito”. Ὀρθότης, então, num

primeiro momento da língua grega, significa “direção em linha reta”, daí particularizando-se em “exatidão”, no trecho mencionado.

Outro termo, no mesmo trecho e em vários outros do diálogo, é *πεφυκώς, πεφυκυῖα, πεφυκός*, participio perfeito (noção de *perfectum*) do verbo *φύω* “criar”, “fazer se desenvolver”, podendo-se traduzir o participio por “nato”, isto é, “de nascença”, “desde o nascimento”.

Finalmente, o termo *φύσει* (instrumental de *φύσις*, derivado de *φύω*), capital para compreensão do diálogo, traduzido no trecho normalmente por “por natureza”, presta-se a confusão, uma vez que essa expressão possa indicar tantas idéias.

Nesse caso, de *φύσει*, achamos pertinente levantar, segundo HOUAISS, 2001, algumas propostas dos verbetes “natural” e “natureza” que podem ser associadas à tradução de *φύσει* no trecho. Ao fim dessa pequena lista que se segue, diz-se quais as opções escolhidas por nós, opções que se tentará justificar mediante o próprio desenvolver da nossa discussão a respeito do diálogo.

As possibilidades que nos parecem cabíveis no trecho são indicadas por algarismos romanos, sem, no entanto, haver qualquer importância na ordem delas. Os números dos verbetes, no dicionário, são por sua vez, os próprios.

Φύσει, tomando-se o verbe “natural”:

- I) 7 *que é essencial ou próprio; peculiar;*
- II) 8 *que é feito de maneira espontânea, não planejado ou estudado;*
- III) 9 *que pode ser presumido; provável;*
- IV) 19 *força a que supostamente estão **sujeitos** os indivíduos e as coisas, e sobre a qual não há controle possível; destino, sorte. (HOUAISS, 2001) (Grifo nosso)*

Φύσει, tomando-se o verbe “natureza”:

- I) 6 *a realidade, em detrimento de quaisquer artifícios ou efeitos artísticos;*
- II) 7 *combinação específica das qualidades **originais, constitucionais ou nativas de um indivíduo, animal ou coisa**; caráter inato;*
- III) 14 *FIL aquilo que compõe a substância do ser; essência;*
- IV) 15 *FIL tudo quanto existe no cosmos **sem intromissão da consciente reflexão humana**. (HOUAISS, 2001) (Grifos nossos)*

As opções IV de “natural” e IV de “natureza” foram grifadas porque podem comprometer seriamente a nossa proposta de interpretação global do diálogo, devendo, pois ser afastadas no desenrolar de nosso trabalho. Por outro lado, as opções que são a base de nosso trabalho são as I e III do verbete “natural” e II e III do verbete “natureza” porque parecem as menos ambíguas.

Em 383a a 384a, há a colocação da divergência de opiniões entre Hermógenes e Crátilo, proposição do diálogo feita por Hermógenes: haveria alguma exatidão nos nomes, isto é. alguma relação entre os fonemas de um nome específico e seu significado, ou não, havendo, na verdade, uma convenção, um acordo, um consentimento quanto a se aplicarem nomes (enquanto fonemas formando um conjunto) a significados?

Outro detalhe inicial do diálogo que nos parece importante está em 385c, onde, na 4ª frase, Sócrates diz que sílabas ou letras, por si sós, num dado nome, no máximo evocam outros nomes, mas não partes de o que signifique um nome, juízo com que, de fato, concordamos e levamos em conta na nossa análise.

Em 385d, na 5ª frase, a exatidão a que Hermógenes parece se referir seria a da escrita e da pronúncia do nome tendo sido associado a uma coisa (*latu sensu*) ou conceito, noção. Pouco antes, Sócrates faz Hermógenes admitir que coisas verdadeiras sejam verdadeiras por inteiro, assim como falsas, falsas por inteiro. Esse pensamento é retomado no fim de nossa análise e consideramo-lo importantíssimo para outras considerações de Sócrates.

Em 386a, Sócrates pergunta se Hermógenes aceita a doutrina de Protágoras que “o homem é a medida de todas as coisas”, ou se acha que as coisas têm certa estabilidade quanto à essência delas (cada qual tem sua essência), isto é, elas têm certas características independentemente de como o homem queira percebê-las. Hermógenes aceita a segunda hipótese.

Esse raciocínio prévio de Sócrates justifica, parece-nos, os conceitos reportados, por nós, em I do verbete “natural” e IV do verbete “natureza”. Em outras palavras, o caminho a que parece nos conduzir Sócrates, no diálogo, traz intrínsecos esses dois conceitos a cada vez que usado o termo φύσει no diálogo. Daqui em diante, neste trabalho, esses são conceitos associados à vaga expressão “por natureza”.

Em 386a, Sócrates pergunta se Hermógenes acredita haver homens maus. Este concorda. Essa também nos parece ser uma passagem importante para a análise do diálogo.

Em 386d, 3ª frase, Hermógenes não aceita o que Eutidemo diz, “que todas coisas pertencem a todos por igual, ao mesmo tempo e perpetuamente”, já que aquele ache que há muito mais homens maus do há bons.

No mesmo trecho, 5ª frase, há uma conclusão lógica feita por Sócrates: se Hermógenes não aceita nenhuma das duas doutrinas, sobra um outro extremo da relação proposta, que é o de as coisas terem certa estabilidade da essência delas (cada qual tem sua essência), isto é, certa estabilidade

(...) οὐ πρὸς ἡμᾶς οὐδὲ ὑφ’ ἡμῶν ἐλκόμενα (...)

(...) *não com fim em nós nem influenciadas por nós* (...) (PLATO, 1903, 386d)

“Não com fim em nós”, quer dizer, as coisas não se “fechando”, “restringindo-se” a nós, as coisas não tirando sua essência (conjunto de características) em nós, pessoas. A idéia da frase citada se contrapõe a de que tudo (cada coisa) se justifique, em essência, em algum ou alguns componentes da essência humana, ou seja, nada possa ter essência que não se encontre no ser humano.

Em 386e e 387a, é feita uma aplicação desse raciocínio também às ações das coisas, isto é, às ações derivadas da noção expressa pelas coisas, ações que, sendo uma classe da realidade (e, portanto, uma parte), são expressões verbais com natureza própria, mas não de acordo com a opinião de nós, pessoas.

Aceita essa idéia, doravante, neste trabalho, aplicamos a mesma idéia aos verbos e aos advérbios. Sócrates aplica aos nomes suas hipóteses de análise. Fazemos, então, nada mais que aplicar a palavra “nomes”, no texto, referindo-se (por proposta nossa) a qualquer palavra: nome, verbo, advérbio... Não é que um seja igual ao outro, gramaticalmente falando!

Sócrates faz uma analogia para explicar a adequação dos nomes e das ações às noções expressas por esses: ao se intentar cortar algo, buscase o instrumento melhor possível para tal, o instrumento “natural” para tal, cujo propósito seja exatamente “cortar”. Se “falar” é uma ação,

então, nesse raciocínio, o mesmo se aplica a ela. E sendo o nome (e o verbo, o advérbio..., acrescentemos) uma manifestação da fala, o mesmo se aplica.

Em 387d, 3ª frase, propõe-se que o ato de nomear (haja vista o raciocínio anterior) seja, portanto, uma espécie de prescrição sugerida pelas próprias coisas. Sendo o nome (palavra) um instrumento, seu melhor uso somente pode ser feito por quem sabe melhor usá-lo, segundo Sócrates. Mas esse, parece, é o mais raro dos artífices (PLATO, 1903, 389a). Ora, se Sócrates menciona que, talvez, haja uma certa prescrição na elaboração, na criação (φύσις) de um nome (palavra), é razoável considerar aplicável o conceito III do verbete “natural”, proposto nesse trabalho.

Estar-se-ia propondo, assim, que seja possível deduzir a forma de uma palavra (deduzir seus fonemas enquanto componentes uma noção)? Até certo ponto, sim, diríamos. No entanto, guarde-se essa idéia para mais adiante, quando é retomada neste trabalho.

389c. Para esse raríssimo artífice produzir com seu respectivo instrumento, ele necessariamente configura no nome a natureza (isto é, configura a essência, é o que propomos) que é, no processo de criação (φύσει), a melhor, não de acordo com a vontade do artífice, mas de acordo com a natureza da coisa, no caso, mediante fonemas e depois caracteres escritos. Φύσει, nesse trecho, não deve ser traduzido em “por natureza”, mas em “no processo de criação”, pois que se trata de um locativo de φύσις, no sentido metafórico de espaço/tempo.

É imperativo, ainda nesse trecho, explicar os verbos ἐξευρίσκω e ἀποδίδωμι. As traduções seriam, *ipsis litteris* e respectivamente, “descobrir (a partir do que se tenha como matéria)” e “atribuir (algo como se fosse algo)”, daí, “representar”, “emular”.

O mesmo cuidado com εἰστίθημι, que seria “configurar”, no trecho de Sócrates, no qual divergimos um pouco da tradução de Fowler em PLATO, 1921, 1925, 1977. Seguem-se, portanto, respectivamente, a versão original, a de Fowler e a nossa:

τὸ φύσει γὰρ ἐκάστω, ὡς ἔοικε, τρύπανον πεφυκὸς εἰς τὸν σίδηρον δεῖ ἐπίστασθαι τιθέναι. (PLATO, 1903, 389c)

He [o artífice] must, it appears, know how to embody in the iron the borer fitted by nature for each special use. (PLATO, 1921, 1925, 1977, 389c)

Pois, ao que parece, é preciso saber, no processo de criação, configurar no ferro a verruma adequada para cada caso.

Πεφυκό" “adequado”. Entenda-se esse adjetivo como “que tem na sua essência características próprias a algo”.

Em 390b, Sócrates pergunta a Hermógenes algo que, parece-nos, ajude a vislumbrar uma idéia em que vai terminar (não concluir-se) o diálogo: sobre o que acontece ao se criar uma palavra (referimo-nos ao processo de criação de uma palavra), isto é, aconteça um somatório da criação propriamente dita mais a aceitação, de bom grado, de ambas as partes envolvidas no processo, a dizer, o artífice de palavras e o usuário. Mas deixemos também essa idéia para o fim da discussão.

Em 390e, Hermógenes vai, aos poucos, concordando com Sócrates, mas não “dá o braço a torcer” de vez. Isso faz pensar-se na resistência que existe, hoje em dia, por parte das pessoas, em admitir a hipótese de uma não arbitrariedade dos signos (não-arbitrariedade ao menos em termos de línguas antigas indo-européias).

Para se entender essa resistência, seria interessante considerarem-se duas origens, concomitantes até. **Uma:** desde o nascimento de cada pessoa, cada uma vai progressivamente constituindo seu vocabulário conforme vá primeiramente escutando, depois se comunicando (no caso, por palavras, é o caso aqui examinado) com seja lá com quem conviva. Nesse processo, parece-nos, não há, em princípio, chance de **pensar na adequação da idéia à palavra (enquanto fonemas ou sílabas adequados) que a ela esteja associada.** A pessoa, então, como que é “jogada” no processo e está em desvantagem, já que reverter um processo consolidado e eficiente é, por definição, algo difícil de se fazer. **A outra:** pensar numa lógica de cada palavra (ou melhor, de cada família de palavras) é tentar reconstituir conceitos, não poucas vezes, antiqüíssimos. Antiquíssimos porque sobreviveram em palavras por muito tempo, em razão do processo de criação que já foi explicado; pensar na lógica da cada palavra é procurar entender conceitos (e, daí, formas de palavras, ou seria o contrário?) criados em épocas imemoriais. Obviamente, quão mais antiga a raiz (semas mínimos), mais conjeturada é sua interpretação. Some-se a isso que o grau de abstração que o indivíduo possua é fundamental a uma consideração da questão.

Logo em seguida, Hermógenes pede o que se espera para se compreender bem qualquer coisa: exemplos.

Mas eis que Sócrates, numa observação magistral dele (parece-nos), esclarece que não está asseverando que haja qualquer exatidão entre a forma (enquanto conjunto de fonemas) e a idéia expressa por ela. Seria tudo, então uma questão de ponto de vista? De relatividade? E Sócrates completa, em 391a e 391b, que

ἐγὼ μὲν, ὦ μακάριε Ἑρμόγενης, οὐδεμίαν λέγω, ἀλλ' ἐπελάθου γε ὧν ὀλίγον πρότερον ἔλεγον, ὅτι οὐκ εἰδείην ἀλλὰ σκεψοίμην μετὰ σοῦ, νῦν δὲ σκοπούμενοις ἡμῖν, ἐμοὶ τε καὶ σοί, τοσοῦτον μὲν ἤδη φαίνεται παρὰ τὰ πρότερα, φύσει τέ τινα ὀρθότητα ἔχον εἶναι τὸ ὄνομα καὶ οὐ παντὸς ἀνδρὸς ἐπίστασθαι [καλῶς] αὐτὸ πράγματι ὄψουν θέσθαι· ἢ οὐ; (PLATO, 1903, 391a-391b)

Eu, meu ditoso Hermógenes, não estou falando que haja alguma, mas relegaste o que, há pouco, falamos anterior, que eu não sabia, mas ia investigar contigo, e agora, a nós investigando, a mim e a ti, mostra-se algo importante, em comparação ao que foi dito: que o nome, no processo de criação, tinha certa exatidão de ser e que não era de todo homem saber bem colocá-lo numa coisa qualquer que seja. Ou não?

Entenda-se o final da tradução: dar um nome a algo é tarefa possível exclusivamente a algumas pessoas.

E ainda Sócrates diz qual a próxima tarefa deles ali (Sócrates, Crátilo e Hermógenes):

οὐκοῦν τὸ μετὰ τοῦτο χρὴ ζητεῖν, εἴπερ ἐπιθυμεῖς εἰδέσθαι, ἥτις ποτ' αὖ ἐστὶν αὐτοῦ ἢ ὀρθότης. (PLATO, 1903, 391a-391b)

Então, o mister após isso é indagar-se – se, pois, anseias em saber – que espécie lá de exatidão, por sua vez, é a dele [do nome].

Em 391d, Sócrates, citando Homero, lembra exemplos, na *Ilíada*, de nomes atribuídos (epítetos), sendo esses nomes distribuídos diferentemente entre deuses e homens (humanos).

Essa referência de Sócrates pode fazer-se pensar que os primeiros semas mínimos (raízes) teriam sido atribuídos por deuses ou por uma única potência divina e, daí, pela própria definição de “deus”,

seria uma atribuição “exata”, isto é, perfeitamente adequada. Seria interessante essa observação simplesmente porque, uma vez considerada alguma exatidão nas palavras, talvez nunca se descubra o que de fato ocorreu no princípio de formação da comunicação humana, em termos de “fabricação” de palavras. Trata-se de uma questão filosófica que terminaria no(s) deus(es) por pura comodidade nossa, dado que, do contrário, a busca da origem de toda a questão continuaria *ad infinitum*. Justifica-se (cremos), neste parágrafo, o porquê de havermos desconsiderado o conceito IV do verbete “natural”.

Em 392b, Sócrates propõe novo raciocínio para se comparar ao que ele está explicando a Hermógenes sobre sons e sílabas: pela lógica, o filhote de um cavalo é um cavalo, assim como o de um bovino é um bovino. Hermógenes concorda, mas Sócrates o lembra de que, por tal raciocínio, o filho de um rei deveria ser um rei. Como diz este, mais adiante, em 394a, na verdade esse filho será, **provavelmente**, um rei, isto é, não necessariamente.

Levando isso em conta, então Sócrates propõe que a variedade, a diversidade seja admissível às classes de seres ou coisas. Em outras palavras, o valor (essência) de cada manifestação de uma certa classe admite a variedade, o mesmo, portanto, aplicando-se às palavras, no tocante a que Sócrates completa, em 394b:

οὕτω δὲ ἴσως καὶ ὁ ἐπιστάμενος περὶ ὀνομάτων τὴν δύναμιν αὐτῶν σκοπεῖ, καὶ οὐκ ἐκπλήτεται εἴ τι πρόσκειται γράμμα ἢ μετὰκειται ἢ ἀφήρηται, ἢ καὶ ἐν ἄλλοις παντάπασιν γράμμασιν ἔστιν ἢ τοῦ ὀνόματος δύναμις. (PLATO, 1903, 394b)

E assim, igualmente, o experiente em nomes divisa também a potência deles [dos nomes], e não se surpreende se alguma letra é adicionada ou transposta ou subtraída, ou mesmo [se] a potência do nome está em letras completamente diferentes.

Σκοπέω “divisar”. Entenda-se “divisar” como “discernir (coisa entre coisa) pela visão”. A idéia seria a de que o experiente em criar palavras, vendo as letras (consideradas como fonemas), qualifica-as de modo a poder diferenciar uma de outra.

Com essa consideração, parece-nos se justificar nossa escolha do conceito II do verbete “natureza” para compreensão do diálogo: com efeito, Sócrates diz que uma idéia pode ser expressa por várias

combinações letras, sílabas ou fonemas, contanto que se preserve a potência da palavra, entendendo-se “potência” como “possibilidades de expressão”. Seria como se os fonemas em si sugerissem tal ou tal idéia, e não que houvesse tal ou tal idéia atribuída a tal ou tal fonema simplesmente porque alguém o quis, aleatoriamente.

De fato, essa variedade, em parte, a que se refere Sócrates é o que se convencionou chamar “sinonímia”. Note-se, porém, que, na verdade, até por uma questão etimológica, não há sinonímia absoluta em nada. O que pensamos é que haveria uma comodidade vocabular (uma convenção, diga-se) aceita pelas pessoas, ao longo do tempo. Isso porque, se porventura o cérebro humano guarde informações ao mesmo tempo em que “esquece” de outras (cedendo, assim, espaço a outras entrar), ele não pode acumulá-las infinitamente. Haveria, pois, limite de idéias também (cômodo, diga-se), variando de pessoa em pessoa, daí saindo a comodidade vocabular: várias palavras morfologicamente distintas expressando a “mesma” idéias que, não raro, nada tem a de mesma.

Comparativamente a essa hipotética restrição de uma idéia associada a uma ou mais palavras (a uma palavra ou “sinônimos” dela), tem-se uma restrição fonética: cada língua (idioma) mantém somente os fonemas que, por assim dizer, firmaram-se, ao longo do tempo, na boca falante. Teria havido, então, uma espécie de seleção coletiva (novamente, uma convenção) e, daí, uma delimitação.

Esse raciocínio tem, em princípio, uma conseqüência nada singela: na criação (φύσις) de uma palavra, vários fonemas parecidos (em natureza, isto é, em conjunto de características essenciais) são suscetíveis a expressar uma característica da coisa expressa pela palavra (entenda-se coisa como **qualquer** coisa que se conheça ou se venha a conhecer: concreta, abstrata...). Isso quer dizer que, como diz Sócrates, os fonemas usados na criação de uma palavra importam na medida em que respeitem a essência ou essências da coisa expressa.

Daí, não se dever estranhar a mesma combinação ou mesmo um só fonema poderem expressar várias idéias, haja vista a restrição de fonemas que se propõe.

Justifica-se, agora, finalmente, o último conceito que escolhemos para a análise do diálogo, o conceito III do verbete “natural”. E é aí que retomamos um pensamento nosso anterior: as formas (fonemas ou conjunto de fonemas) das palavras seriam previsíveis na medida em que

respeitem a essência (conjunto de características) da coisa expressa, mesmo que vários tipos de fonemas concorram para tal.

Por um bom tempo do diálogo, Sócrates sempre procura explicar os exemplos como compostos constituídos por mais de uma palavra, ou alguma frase que teria se contraído em palavra, ou uma palavra associada a outra morfológicamente.

Não se intenta, nesta análise, discutir até que ponto as explicações de Sócrates sejam verossímeis. O que nos interessa é a discussão dele a respeito do processo de criação de palavras classificadas gramaticalmente como primitivas, isto é, aquelas que teriam sido o início de uma família de palavras, das quais teriam saído as ditas “derivadas”. Assim, retomando-se a idéia do “artesão de nomes”:

οὐκοῦν εἴπερ ἔσται τὸ ὄνομα ὅμοιον τῷ πράγματι,
ἀναγκαῖον πεφυκέναι τὰ στοιχεῖα ὅμοια τοῖς
πράγμασιν, ἐξ ὧν τὰ πρῶτα ὀνόματά τις συνθήσει;
(PLATO, 1903, 434a)

Então, se, pois, o nome for semelhante à coisa – das quais as palavras primitivas serão compostas – as letras necessariamente são, de nascença, semelhantes às coisas?

Στοιχεῖον, sobretudo no plural, στοιχεῖα, diz CHANTRAINE, 1999, no verbete do verbo στείχω:

Designa os elementos do alfabeto na medida em que os apreendemos em linha conforme uma ordem imutável (...)

os quais

(...) encaram as letras como elementos expressivos compondo as palavras (...).
(CHANTRAINE, 1999)

Levando em conta a restrição fonética que se propõe neste trabalho, os exemplos de Sócrates não devem ser considerados cabais, já que as idéias que ele associa aos fonemas não seriam as únicas possíveis.

Àquele que não lida com Filologia ou com Fonética histórica, as associações de Sócrates podem parecer, nos exemplos, vagas e até aleatórias. Mas é preciso ter em mente a hipótese já mencionada: num

infinito de idéias possíveis, havendo número finito de fonemas e “comodidade” vocabular do falante, é de se esperar que um mesmo fonema expresse, como já se disse, múltiplas noções.

O importante, nessa hipótese, é que se procure fazer contraponto entre fonemas parecidos. Mas eis, finalmente, um exemplo de Sócrates a Crátilo (sempre nessa ordem):

φέρε, καλῶς σοι δοκοῦμεν λέγειν ὅτι τὸ ῥῶ τῇ φορᾷ καὶ κινήσει καὶ σκληρότητι προσέοικεν, ἢ οὐ καλῶς;

Diz: para ti, temos razão em falar que o rô [fonema], em grande parte, parece com o arranque e com o movimento e com a dureza, ou não?

καλῶς ἔμοιγε.

Para mim, sim.

τὸ δὲ λάβδα τῷ λείῳ καὶ μαλακῷ καὶ οἷς νυνδῆ ἐλέγομεν;

E o lâmbda, com a maciez e com a moleza e com o que falávamos agora?

ναί.

Sim.

οἶσθα οὖν ὅτι ἐπὶ τῷ αὐτῷ ἡμεῖς μὲν φαμεν “σκληρότης”, Ἐρετριῆς δὲ “σκληροτήρ”;

Sabes, claro, que nós dizemos “σκληρότης” [dureza] ao passo que os Erétrios, “σκληροτήρ”, em referência à mesma coisa?

πάνυ γε.

Com certeza.

πότερον οὖν τό τε ῥῶ καὶ τὸ σῖγμα ἔοικεν ἀμφοτέρα τῷ αὐτῷ, καὶ δηλοῖ ἐκείνοις τε τὸ αὐτὸ τελευτώντος τοῦ ῥῶ καὶ ἡμῖν τοῦ σῖγμα, ἢ τοῖς ἑτέροις ἡμῶν οὐ δηλοῖ;

Qual o caso: ambos o ró e o sigma aparentam a mesma coisa e significam a mesma coisa (em havendo o ró final para eles e para nós, o sigma), ou não significam [nada] para uns ou outros de nós?

δηλοῖ μὲν οὖν ἀμφοτέροις;

Significam [a mesma coisa] para ambos, claro.

πότερον ἢ ὅμοια τυγχάνει ὄντα τὸ ρῶ καὶ τὸ σῖγμα, ἢ ἢ μή;

Qual o caso: conquanto o ró e o sigma valem coisas que são semelhantes, ou conquanto não?

ἢ ὅμοια.

Conquanto semelhantes.

ἢ οὖν ὅμοιά ἐστιν πανταχῆ;

Mas, então, são semelhantes em todo aspecto?

πρός γε τὸ ἴσως φορὰν δηλοῦν.

Ao menos, com fim no significar “arranque” igualmente.

ἢ καὶ τὸ λάβδα ἐγκείμενον; οὐ τὸ ἐναντίον δηλοῖ σκληρότητος;

Mas e o lambda inserido? Ele não significa o oposto de dureza?

ἴσως γὰρ οὐκ ὀρθῶς ἔγκειται, ὦ Σώκρατες· ὥσπερ καὶ ἄ νυνδῆ σὺ πρὸς Ἑρμογένη ἔλεγες ἐξαιρῶν τε καὶ ἐντιθεῖς γράμματα οὐ δέοι, καὶ ὀρθῶς ἐδόκεις ἔμοιγε. Καὶ νῦν ἴσως ἀντὶ τοῦ λάβδα ρῶ δεῖ λέγειν.

Pois é, Sócrates, [ele] não está inserido igualmente em exatidão, justo como também tu falavas agorinha, a Hermógenes, extraindo e inserindo as letras que conviesse. Ao menos, para mim, tens razão em exatidão. Agora, igualmente, é lícito falar ró em vez do lâmbda.

εὖ λέγεις. (...) (PLATO, 1903, 434c)

Tens razão.

Note-se que, como se falou na introdução, não se procurou, neste trabalho, justificar se o processo de criação (φύσις) de palavras ocorreria de um jeito ou de outro (“por natureza” ou “por convenção”). Na verdade o diálogo não conclui nada. Trata-se de uma grande discussão entre Crátilo, Hermógenes e Sócrates. Eles até ficam de falar outras vezes sobre o tema.

Algumas idéias, contudo, afloraram-nos, as quais resumimos em seguida:

- a) As partes do nome (fonemas e sílabas) podem expressar bem ou mal o que ele significa. Essa proposta tem a ver, *mutatis mutandis*, com as idéias de que “coisas verdadeiras o sejam por inteiro, assim como falsas, falsas por inteiro” e de que “existam homens maus”, ambas discutidas no diálogo. Procuramos, ao longo deste trabalho, ampliar a idéia de Sócrates, aplicando-a à criação de não apenas nomes, mas de **qualquer palavra**;
- b) Para que o raríssimo artífice de palavras as construa do melhor modo possível (ou de um dos melhores), ele necessariamente deve configurar no nome a natureza (conjunto de características) deste, e não de acordo com a sua vontade. Nesse caso, o material são os fonemas, e o produto (resultado que será instrumento de linguagem) é a palavra;
- c) No processo de criação (elaboração, montagem) de uma palavra, haveria um somatório da criação propriamente dita mais a aceitação de bom grado (em termos de coletividade) da parte do usuário da palavra criada;
- d) Admitida a variedade de formas das palavras (contanto que não prejudicado o conjunto de características de o que a palavra expresse), pode-se falar em uma comodidade vocabular (aceita pelas pessoas, ao longo do tempo) e, mais cedo ou mais tarde, decorrente desta, uma restrição, uma delimitação fonética.

Enfim, vislumbramos a seguinte idéia, se levamos em conta o percurso que seguimos: na verdade, como estamos falando de língua enquanto recurso não somente expressivo, mas comunicativo, fica difícil admitir que a criação de uma palavra ocorra “por natureza”, porque o próprio material que compõe uma palavra é fruto de uma convenção coletiva.

REFERÊNCIAS

- CHANTRAINE, Pierre. 1999 (1968). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque – Histoire de mots*. Paris : Klincksieck.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Objetiva.
- PLATO. 1903. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford University Press.
- _____. Vol.4 1977, Vol. 9 1925, Vol. 12 1921. *Plato in Twelve Volumes, translated by Harold North Fowler*. Cambridge, MA : Harvard University Press; London : Heinemann Ltd.